

COLABORAÇÃO DE EDGAR MORIN PARA REPENSAR E REFORMA O PENSAMENTO ENVOLVENDO ALUNO E PROFESSOR: REVISÃO DA LITERATURA “A CABEÇA BEM FEITA”

Nilzene Nataniel de Santana Nascimento¹

Ana Raquel da Silva Mesquita²

Mariza Ribeiro da Silva³

INTRODUÇÃO

"A Cabeça Bem Feita", de Edgar Morin, é um livro que relata sobre a prioridade de reformar o pensamento e a educação. Publicado pela primeira vez em 1999, o livro busca a transformação no sistema educacional, predispondo uma nova forma de agir no ambiente de aprendizagem.

Destaca-se essa obra como relevante e contributiva para o desenvolvimento educacional pela dinamicidade do autor em apresentar no bojo do livro a crítica sobre as disciplinas que não se aglutinam. O mesmo defende as relações e integrações dos conhecimentos de forma ampla e dinâmica. Logo, a **justificativa** para escolha da obra se caracteriza pelas suas múltiplas reflexões e por se manter atual nos contextos e retratos sociais educativos.

Para Morin (1999) “a reforma do pensamento está baseada na contextualização”. Faz-se necessário nesse contexto de suma importância fundamentar o envolvimento dos professores com as temáticas para uma visibilidade completa das evoluções no campo educacional. Logo, este estudo de revisão e diálogo com o autor **objetivou de forma única** realizar uma revisão da obra “A CABEÇA FEITA” de Edgar Morin destacando suas principais contribuições para o repensar e o reformar nas relações aluno-professor, bem como nas demais expansões educativas.

Diante disso, para o autor, educar para transformar cidadãos visa compreensão dos pares e ética, pois formamos o estudante para o exercício da cidadania. E, nesse quesito é importante trabalhar com ética e responsabilidade, pois "A Cabeça Bem Feita" trabalha alteridade. O autor também propõe um olhar sobre coletividade, transdisciplinaridade,

¹ Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, ndesantana@yahoo.com.br;

² Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, anainharaquel2020@gmail.com;

³ Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, marizasilva@aluno.uespi.br;

emoção e razão, pois todos são fatores que reformam o pensamento para educar com primazia.

Após realizar uma revisão da obra e destacar as suas principais contribuições, acredita-se conclusivamente que a reforma do pensamento favorece o conhecimento. Todas as reformas giram em torno desse buraco negro que se encontra a profunda carência de nossas mentes e de nossa sociedade. A reforma do ensino deve levar a reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar a reforma do ensino. Assim, a urgência da reforma é fundamental para uma sociedade igualitária.

METODOLOGIA

A metodologia segue a abordagem qualitativa com realiação de revisão de literatura a partir da obra "A Cabeça Bem Feita" de Edgar Morin. Para tal realização iniciamos com a leitura da obra, destacamos os principais fundamentos e discussões e as destacamos nos aspectos teóricos resultantes em blocos: **I – O desafio da globalidade é também um desafio da complexidade; II - A cabeça bem-feita; III A condição humana; IV-Aprender a viver; VII- Os três graus.**

REFERENCIAL TEÓRICO SOB A VISÃO DE EDGAR MORIN

I – O DESAFIO DA GLOBALIDADE É TAMBÉM UM DESAFIO DA COMPLEXIDADE

Situando a obra, Edgar Morin foi convidado por Claude Allègre, ministro da Educação da França, para presidir o Conselho Científico de “A cabeça bem-feita - Repensar a reforma, reformar o pensamento” cujo título original é “La Tête Bien stinado nessa hipótese há uma emergência em refletir a reforma do ensino. O autor demonstra suas ideias para a reforma de ensino.

O primeiro capítulo “Os desafios” começa com a percepção do autor sobre a inadequação cada vez mais ampla e profunda dos saberes separados. Nesse texto o autor já mostra a problemática da separação fragmentada entre as disciplinas as quais ele mesmo chama de polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Nesse aspecto Morin fala inicialmente sobre situações invisíveis: “Os conjuntos complexos; as interações e retroações entre parte e todo; as entidades multidimensionais; os problemas essenciais p. 13”. Ele afirma que a fragmentação por um tempo foi necessária,

mas ela precisa ser renovada. As problemáticas que atravessam a nossa existência se interagem e reagem de forma multidimensional.

O autor argumenta que “quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade p.15”. Dessa forma é necessário que o aluno compreenda para além da disciplina. É necessário oferecer o educando resolver os problemas de forma integral, com capacidade de contextualizar as informações ofertadas. Ou seja, saber interpretar e construir através do pensamento complexo.

Repensar a organização do saber, principalmente o saber globalizado. Ele refere-se ao desafio do global e do complexo, porque o mesmo compreende a expansão descontrolada do saber. Para isso ele apresenta também as culturas diversas, e nesse aspecto ele insere a cultura humanística que ao mesmo tempo é filosófica, a científica que separa as áreas do conhecimento e a cultura das humanidades, nesse enredo há pensamentos sobre a vida e sobre o mundo onde o autor expressa que os mesmos deveriam alimentar interrogações.

II - A CABEÇA BEM-FEITA

A cabeça bem feita precisa ocupar saberes. De acordo com Morim, Montaigne apresentou a finalidade do ensino quando formulou “Mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”. Ele afirma que a cabeça bem cheia é aquela onde os saberes são acumulados. E nesse sentido ele faz um paralelo “Uma cabeça bem feita” significa que, em vez de acumular saberes é importante dispor de uma aptidão, para tratar os problemas e ainda organizar princípios ligando os saberes a um sentido. (p.21).

A Educação deve favorecer a habilidade natural da mente para colocar e resolver problemas estimulando, ao mesmo tempo, a total aplicação da inteligência geral. Morin afirma que, “Repensar o pensamento”, eleva o desenvolvimento da inteligência geral e requer que seu exercício seja ligado a dúvida.

O autor também afirma que será preciso valorizar o “pensar bem”, que não leva a pensar absolutamente um bem –pensante. Nessa dinâmica o autor dialoga sobre a cabeça bem feita apresentando aspectos referentes a filosofia. A citação a seguir demonstra o seu parecer referente a esse tema.

A Filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. A filosofia, hoje retraída em uma disciplina quase fechada em si mesma, deve retomar a missão que foi a sua- desde de Aristóteles a Bergson e Husserl- sem, contudo, abandonar as investigações que lhe são próprias. Também o

professor de filosofia, na condução de seu ensino, deveria estender seu poder de reflexão aos conhecimentos científicos, bem como à literatura e à poesia, alimentando-se ao mesmo tempo de ciência e de literatura”. (p.23)

Para esse contexto o teórico avalia a filosofia como um norte questionador, e que ao mesmo tempo essas reflexões apoderam para o espírito do conhecimento, pois a mesma é investigadora, na visão do autor essa disciplina é promotora das interações das aprendizagens.

Apresentar dentro dessa narrativa “Um Novo Espírito Científico”. Construir uma cabeça bem feita, nesse aspecto não falamos anatomicamente, mas apresentamos as pautas de Edgar Moran para abertura do novo, do globalizado, do que realmente é oportuno para o acesso a uma educação de qualidade.

III A CONDIÇÃO HUMANA

Para o autor há uma grande necessidade de se refazer a reforma do pensamento, pois precisamos nos responsabilizar de compreender os desafios de pensar além e não absorver somente os códigos que nos dominam é um desafio para irmos além, fugir dos códigos que já dominamos ir para além, suplantar os desafios e conquistar a interdependência. A reforma do ensino deve elevar a reforma do pensamento. A sociedade precisa exigir da escola essa mudança.

Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele. Todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto. “Quem somos nós?” é inseparável de “Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?”. Pascal já nos havia situado, corretamente, entre dois infinitos, o que foi amplamente confirmado no século XX pela dupla evolução da Microfísica e da Astrofísica. Conhecemos hoje nosso duplo enraizamento: no cosmo físico e na esfera viva. (P.35)

Mais vale uma cabeça capaz de articular o pensamento, educação precisa levar o sujeito a resolver as práticas sociais, a ciência articula e consolida os nossos processos educativos elevando a capacidade para repensar e refletir os pensamentos. É necessário o confronto para os saberes serem organizados. A condição humana é unificadora e organizadora do ensino para o autor. Repensar o currículo para condicionar os sujeitos que estudarão o currículo. Em que o ser humano está inserido? O currículo valoriza a forma de pensar. Para o autor p.39: “Tudo isso deve contribuir para a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, que só pode ser completa com a consciência do caráter matricial da Terra para a vida, e da vida para a humanidade”.

Vemos aqui que existe a necessidade de um despertar de uma nova consciência com aprendizado que instigue o senso crítico.

IV - APRENDER A VIVER

Morin (1999) destaca que a consciência é aplicada quando o pensamento é visualizado. Ter o domínio do seu pensamento é importante para conscientizar o ser humano a produzir conhecimentos, representatividades remotas e aplicar na vida excelentes registros para a construção reformulada.

A instituição de ensino muitas vezes poda o aluno e a mesma precisa que o aluno seja um ser pensante, ativo e reflexivo. Os saberes precisam ser interligados para que possamos entender e vivenciar a teoria na prática. O ensino não deve ser retrógrado, mas há a necessidade de ampliar e referenciar as práticas de ensino. Logo, Morin traz uma instigação enquanto se referência nessa temática.

Aqui nesse requisito o autor afirma que a tarefa da educação é transformar o conhecimento em sabedoria, confirmando ao afirmar na página 47: “Na educação, trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência”. O sujeito tem dever de questionar, criticar e perceber a validade do pensamento.

É bem interessante quando o mesmo afirma que podemos aprender as maiores lições da vida, a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão e essa compreensão nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos, (grifo do autor). Dessa forma, é linear entender que a complexidade leva a busca do conhecimento estabelecendo inferências para que o sujeito busque constante respostas ao que lhe é apresentado. Ao fechar o capítulo 06 o autor destaca que a aprendizagem cidadã é aquela em que a Educação contribuiu para a autoformação da pessoa, ensinando-a a assumir a condição humana p.65.

VII- OS TRÊS GRAUS

O autor representa aqui inicia com vários questionamentos: A vida? A sociedade? O mundo? A verdade? Para o autor é necessário interrogar o ser humano para descobrir sua dupla natureza biológica e natural. p.76. Afirma ainda que “desde a escola primária, dar-se á início a um percurso que ligaria a indagação sobre a condição humana à indignação sobre o mundo”.

Contudo, destaca que uma cabeça bem feita, acima de tudo, repensa a escola como um lugar de fala propiciando o alcance de uma educação contributiva e de qualidade. Logo, revisa os três graus definidos em o Grau da Complexidade (a realidade é composta por sistemas complexos, interconectados e interdependentes), Grau da Compreensão (reconhecimento de que a compreensão das realidades sociais e naturais requer uma abordagem multidisciplinar e integradora) e o Grau da Epistemologia da Complexidade (o entendimento dos processos de conhecimento e à forma como construímos nossas representações do mundo).

Esses graus estão interligados e formam a base do pensamento complexo de Morin, que busca superar as abordagens simplistas e fragmentadas para abordar a realidade em sua totalidade e complexidade. O teórico é instigante, inovador e idealizado para uma nova interdisciplinaridade. Afinal, reformar é preciso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das abordagens manifestadas na obra “A cabeça bem feita” de Edgar Morin, 1999, foi possível analisar empatia e visão altruísta em busca de transformação social, epistemológica e educacional, explorando a necessidade de uma mudança profunda na forma como pensamos e aprendemos, logo dialogamos com o mesmo apresentando seus principais conceitos, como pensamento complexo, interdisciplinaridade, educação transformadora e desafios nas aplicações práticas.

Para tanto, é fundamental o repensar da parte hegemônica, que hora oferece uma educação rasa e outrora se junta para fortalecer mais a cúpula que a engradece cotidianamente. Por fim, Morin nos oferece uma crítica profunda e construtiva ao sistema educacional e ao pensamento convencional, convidando-nos a repensar como estruturamos o conhecimento e a educação, sugerindo uma abordagem mais integrada e reflexiva que pode levar a um entendimento mais holístico e adaptativo dos desafios do mundo moderno.

Palavras-chave: Educação, Pensamento, Aprendizagens.

REFERÊNCIAS

Morin Edgar, 1921. **A cabeça-bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento/** Edgar Morin: Tradução Eloá Jacobina – 18ª ed.